

OPINIÃO

PETER
A. SCHULZ

Editar ou perecer?

“Decifra-me ou devoro-te” refere-se ao famoso “enigma da esfinge”. Famoso? *Riddle of the sphinx* levou a 312.000 resultados pelo Google. Hoje, *Publicar ou perecer* é mais importante: *publish or perish* forneceu 556.000 resultados alguns minutos depois. Em compensação, *edit or perish*¹ cravou apenas 6 citações na mesma pesquisa. Assim, editar ou perecer parece um problema irrelevante, mas vamos aos fatos.

Publicar (a primeira acepção da palavra, lembremo-nos, é: tornar público) constitui a missão do docente de uma universidade de pesquisa, isso não está em discussão. Quanto a definir qual a melhor maneira de tornar público o trabalho de descoberta ou criação (ou seja, publicar), há controvérsias. Como físico, acostumei-me a publicar em revistas especializadas internacionais, com revisão por pares, de preferência de alto impacto, indexadas pelo *Web of Science*² (*WoS*).

Na área de física (e várias outras), essas revistas de maior impacto são publicadas por associações independentes das instituições que empregam os pesquisadores que querem publicar seus trabalhos. Acaba sendo uma garantia razoável de lisura do processo editorial. As controvérsias começam a surgir quando se consideram áreas do conhecimento que contam com poucas revistas indexadas no *WoS*, cujos desenhos (das revistas) são avaliados no *Journal Citation Reports (JCR)*: não existem, por exemplo, revistas indexadas no *JCR (social science edition)* sob a palavra chave *philosophy*³.

Como e onde então devem os filósofos publicar? Bem, no *WoS Arts & Humanities* aparecem revistas de filosofia, mas o impacto delas não é ainda avaliado pelo *JCR*. Os físicos de matéria condensada (como eu) têm a seu dispor 60 periódicos indexados no *JCR (science edition)*, ou

seja, com o impacto avaliado, fora os periódicos de física aplicada e física multidisciplinar.

A questão do título coloca-se, portanto, de maneira singela, posto que, para se publicar, alguém tem que editar. Acredito ser bastante razoável supor que, tanto quanto publicar, editar talvez seja também uma missão de uma universidade de pesquisa. E, de fato, esse esforço editorial ocorre na Unicamp. Somente os Centros e Núcleos de Pesquisa Interdisciplinar são responsáveis pela edição de 23 periódicos ou coleções de livros impressos e/ou em formato eletrônico.

Boa parte dos periódicos tem classificação *Qualis* da Capes (variando de nacional C à internacional A) e alguns são também indexados no *SciELO*, uma base de dados para pesquisa, criado para aumentar a visibilidade das publicações nacionais. A atividade editorial dos Centros e Núcleos é, colocado em termos talvez pouco acadêmicos, motivo de orgulho. No entanto, em termos acadêmicos, seria desejável ter uma política editorial clara para a Unicamp.

Devemos ou não incentivar a edição de veículos de disseminação da atividade de pesquisa e criação? Não se pretende aqui responder a essa pergunta, mas algumas constatações precisam ser compartilhadas em um contexto em que o tema passa a ser discutido mais intensamente, como no recente evento do Fórum Permanente Conhecimento e Tecnologia de Informação: “Credenciamento e indexação de periódicos”.

Um primeiro ponto a ser considerado é a saudável diversidade no mundo acadêmico com o consequente convívio de visões diferen-

tes. Aqui vale recomendar a leitura do relatório – *Estratégias de publicação em transformação?* – sobre os hábitos de publicação e aquisição de informação, feito entre pesquisadores alemães pelo Deutsche Forschungsgemeinschaft (o CNPq deles), com uma versão em inglês disponível on-line⁴. Nesse relatório, as disciplinas científicas são divididas em quatro áreas – humanidades e ciências sociais, ciências da vida, ciências naturais e engenharias.

Um dos aspectos pesquisados é o envolvimento dos cientistas na edição de periódicos científicos. Enquanto que 50% dos pesquisadores em humanidades declaram não ter envolvimento nessas atividades, essa proporção chega a 64% na área de ciências naturais. Além disso, a porcentagem de publicação em alemão entre cientistas sociais chega a 60%, comparado com meros 8% em ciências naturais. Os números para a língua inglesa apresentam uma inversão significativa: 36% e 92%, respectivamente. Parece haver uma correlação entre o uso da língua e o esforço editorial de uma determinada comunidade – e que tal percepção não é uma exclusividade brasileira⁵.

Se a questão de editar ou não periódicos científicos deve ser contextualizada por área, precisamos nos perguntar quais instituições podem ou devem se envolver nessa atividade. Em particular: as universidades devem promover a edição de periódicos? Novamente no meu caso, as principais revistas são publicadas pela *APSe* e *AIP (American Physical Society e American Institute of Physics)*, entidades independentes de universidades, institutos de pesquisa e órgãos do go-

verno. Contra exemplo? Advogados (não se aplica à Unicamp, que não tem um curso de Direito) são prolíficos, existem 101 periódicos listados no *JCR (social science edition)*, sob a palavra chave “law”.

A curiosidade reside no fato de que os 15 periódicos de maior parâmetro de impacto são editados por universidades. E não pára nisso: o maior parâmetro de impacto é da *Harvard Law Review*, obviamente da Universidade de Harvard, mas editada pelos estudantes de pós-graduação de lá! Vale a pena entrar na página web de Harvard, clicar em *news* (barra inferior) e logo clicar em *university publications* (menu no lado esquerdo), para acessar o portal de publicações dessa universidade.

Lá, encontramos também outras publicações editadas por estudantes, como o *Harvard Educational Review*, também indexado no *Web of Science*. Mas não só os estudantes em Harvard editam revistas indexadas, as diferentes Schools e departamentos da Faculty of Arts and Sciences também, totalizando 17 publicações indexadas. Que se somam às 10 de Yale, 5 de Stanford, 9 de Michigan, 18 de Oxford... Talvez fosse o caso de não apenas apoiar as publicações da Unicamp, mas tentar, por que não?, indexá-las. Certamente aumentar a visibilidade delas, com um portal próprio, não prejudicaria ninguém.

Resta uma pergunta. Onde os filósofos devem publicar? Em revistas indexadas no *Philosopher's index*, como a *Manuscripta*, revista Internacional de Filosofia do Centro de Lógica e Epistemologia da Unicamp. Infelizmente, o *Philosopher's index* não realiza estatísticas de citações, para quantificar o impac-

to dos periódicos, como o faz o *JCR*. Como podemos então inferir esse impacto? Pelas citações de artigos da *Manuscripta* em artigos publicados em revistas indexadas no *WoS*. Artigos publicados na *Manuscripta* foram citados 63 vezes⁶. Citações aos *Cadernos Pagu*, *Opinião Pública*, *Ambiente e Sociedade* e *Multiciência*, também aparecem desse modo.

Esses dados são bons? Esses números são suficientes? A própria indexação e sua análise são problemas em aberto, temas de pesquisa, e ferramentas em contínua evolução. Uma percepção disso pode ser feita apreciando os tópicos que deverão ser abordados na 11ª conferência da International Society for Scientometrics and Informetrics agora em junho⁷. A única conclusão preliminar possível é que estamos diante de um enigma: editar ou perecer? Seria bom decifrá-lo.

Peter A. Schulz é professor do Instituto de Física “Gleb Wataghin” (IFGW) e assessor da Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa (Cocen)

¹ Editar ou perecer? É o nome de um encontro realizado na XV Escola de verão de saúde pública em setembro de 2004 Espanha.

² O ISI Web of Knowledge é acessível de qualquer computador ligado em rede da Unicamp.

³ Existem alguns títulos que englobam algumas sub-áreas que “History and Philosophy of Science”

⁴ www.dfg.de/en/dfg_profile/facts_and_figures/

⁵ *Is there science beyond english?* Meneghini e Abel L. Packer, EMBO reports, vol. 8, 112 (2007).

⁶ Uma vez no *WoS* optar por Cited Reference Search e entrar com a palavra *Manuscripta* no campo Cited Work.

⁷ <http://iss2007.cindoc.csic.es/>

CARTAS

Mínimos sociais

Sou estudante de economia da Unicamp, e já fui aluno do professor Denis Gimenez. Gostaria de parabenizar o repórter Luiz Sugimoto pela matéria “Da ‘Constituição Cidadã’ aos mínimos sociais” [edição 357]. Ela está bem clara e objetiva, e já vem sendo comentada nos “corredores” do Instituto de Economia.

Infelizmente, este tema da falta de um projeto para o Brasil não é hoje a preocupação central entre a maioria dos alunos de economia, tanto da Unicamp como de todas as outras faculdades. Porém, essa luta não foi abandonada por uma pequena minoria de estudantes que, com muito esforço, conseguiu trazer (e está organizando) o Encontro Nacional dos Estudantes de Economia (Eneco), que ocorre este ano na Unicamp. O evento tem o propósito de promover essa discussão, tendo como título “Um Projeto para o Brasil”. Peço que, em uma próxima oportunidade, o Eneco seja citado, tendo em vista a importância e a urgência de se promover essa discussão, não só entre os alunos de economia, mas também entre toda a sociedade.

Theo Martins Lubliner

Turismo

Tudo o que se programa neste país parece a construção de uma casa cujas obras se iniciam pelo telhado. Tem-se a impressão que tudo é feito de maneira primária, como demonstra a reportagem “Entre o amadorismo, o lúdico e o precário” [edição 355]. De que adianta trazer o turista para o Brasil, se os problemas já se iniciam nos aeroportos? Rodovias em estado deplorável são, na minha opinião, o ponto nevrálgico da questão, tendo ainda a acrescentar o fator insegurança. Vou citar um exemplo: em viagens que fiz pela Alemanha, em carro alugado, utiliza, para longas distâncias, as Autobahns. Ao longo destas, o turista encontra o “Rastplatz”, local identificado com um “P”. A área possui telefones, sanitários, além de bancos e mesas para o turista fazer seu lanche.

Arrisco então uma pergunta: quem em sã consciência vai parar ao longo de nossas rodovias? Seria um convite para um assalto. Portanto, o primeiro item de uma análise já desaconselha uma viagem pelo Brasil. Com raríssimas exceções, não existem telefones ao longo das rodovias para pedir socorro, restando o celular – isto quando a área se situa na abrangência. Nas Autobahns, eu verifiquei que havia um telefone a cada dois quilômetros, aproximadamente.

Curt Heise,
Blumenau

Parto de cócoras

Fiquei muito feliz ao ler a reportagem “Acorde com espanhóis na área de parto de cócoras é renovado”, [edição 355]. Ache maravilhoso o trabalho do professor Hugo Sabatino. Ele realmente merece ser reconhecido nacional e internacionalmente pelo que faz. Depois de participar do grupo de parto alternativo, vivenciar dois partos de cócoras no Caism, com o acompanhamento de residentes e do próprio professor Hugo, nunca mais deixei de fazer propaganda deste trabalho desenvolvido na Unicamp.

Hoje, em Goiânia, sou aluna do curso de psicologia e trabalho voluntariamente como “doula” na Maternidade Nascer Cidadão, a qual busca trabalhar o parto de forma humanizada. Tenho um forte desejo de desenvolver trabalhos nesta área, e acredito que minha vida tomou este rumo devido ao grande apoio recebido junto ao Grupo de Parto Alternativo, e da atenção recebida pelo professor Hugo Sabatino.

Esse trabalho desenvolvido na Unicamp realmente precisa ser valorizado e ampliado! Parabéns a todos,

Andréa Mauricio da Silveira Vitti



Para anunciar disque:

3232-2210
9606-1303

JCPR PUBLICIDADE
E PROPAGANDA

Rua: Barão de Atibaia, 773 - Guanabara



UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor José Tadeu Jorge

Coordenador Geral Fernando Ferreira Costa

Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva

Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib

Pró-reitor de Pesquisa Daniel Pereira

Pró-reitor de Pós-Graduação Teresa Dib Zambon Atvars

Pró-reitor de Graduação Edgar Salvadori de Decca

Chefe de Gabinete José Ranali



Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Periodicidade semanal. Correspondência e sugestões Cidade Universitária “Zeferino Vaz”,

CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3521-5108, 3521-5109, 3521-5111. Fax (0xx19) 3521-5133. Site <http://www.unicamp.br/ju>.

E-mail leitordju@reitoria.unicamp.br. Coordenador de imprensa Eustáquio Gomes. Assessor Chefe Clayton Levy. Editores Alvaro Kassar e Luiz Sugimoto. Redatores Carmo Gallo Netto, Hélio Costa Júnior, Isabel Gardenal, Jeverson Barbieri, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. Fotografia Antoninho Perri e Antônio Scarpinetti.

Edição de Arte Oséas de Magalhães. Serviços Técnicos Dulcinéia Bordignon e Edison Lara de Almeida. Impressão Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. Publicidade JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3232-2210. Assine o jornal on line:

www.unicamp.br/assineju